

## UM GUIA DE LEITURA DO SÉCULO XIX: O ROMANCE CONDENADO NAS LEITURAS EM FAMÍLIAS

Jeniffer Yara Jesus da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Durante a ascensão da imprensa periódica na Belém do século XIX, a qual ocorreu em função das modificações políticas, culturais e econômicas na cidade, surge uma grande proliferação de ideias em meio a sociedade paraense. Conflitos de interesses políticos e religiosos foram presentes na província, ocasionando o surgimento de diferentes posicionamentos acerca de assuntos diversos, entre os quais, a leitura do romance. O gênero romance ascendeu como prática de leitura pertencente à sociedade letrada e não letrada, esta última por meio da leitura em voz alta, ocasionando a popularização do novo gênero, principalmente pela publicação de narrativas no formato folhetim, alcançando progressivamente mais leitores e consumidores dos periódicos. O presente trabalho, portanto, tem como objetivo analisar o escrito intitulado *Leituras em Famílias: antes da oração da noite*, de R. P. Huguet, publicado no periódico *A Boa Nova* (1871-1883), folha de caráter religioso, dirigida pelo Bispo do Pará, Dom Macedo Costa (1830-1891). A publicação será analisada na tentativa de resgatar a crítica relacionada ao gênero romance, quais aspectos foram julgados e quais determinavam a recomendação ou a censura das narrativas aos leitores da folha religiosa; esta que pretendia, por meio de suas publicações, guiar para o caminho da virtude e da moral cristã o seu público leitor.

**Palavras-chave:** Periódico religioso. Romance. Século XIX. *A Boa Nova*. Dom Macedo Costa.

### A READING GUIDE IN THE 19TH CENTURY: THE CONDEMNED ROMANCE IN FAMILY READINGS

**ABSTRACT:** During the rise of the periodical press in 19th century Belém, which occurred as a result of political, cultural and economic changes in the city, there was a great proliferation of ideas in Pará society. Conflicts of political and religious interests were present in the province, leading to the emergence of different positions on various subjects, including the reading of the novel. The novel genre rose as a reading practice belonging to both literate and non-literate society, the latter through reading aloud, causing the popularization of the new genre, mainly through the publication of narratives in the pamphlet format, progressively reaching more readers and consumers of periodicals. The aim of this paper, therefore, is to analyze the writing entitled *Leituras em Famílias: antes da oração da noite*, by R. P. Huguet, published in the periodical *A Boa Nova* (1871-1883), a religious newspaper run by the Bishop of Pará, Dom Macedo Costa (1830-1891). The publication will be analyzed in an attempt to retrieve the criticism related to the novel genre, which aspects were judged and which determined the recommendation or censorship of the narratives to the readers of the religious sheet; which intended, through its publications, to guide its readership towards the path of virtue and Christian morality.

**Keywords:** Religious journal. Novel. Nineteenth century. *A Boa Nova*. Dom Macedo Costa.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Bolsista Capes (2021 – 2025). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4824-2730>. E-mail: [jeniffer.yara@gmail.com](mailto:jeniffer.yara@gmail.com).

A imprensa belenense possuía unicamente um caráter político e noticioso em suas primeiras manifestações durante o início do século XIX, porém, ao longo dos anos, periódicos devotados a uma causa em específico foram criados para a defesa dos seus ideais e propagação de opiniões acerca de suas doutrinas e do que iria de encontro a elas. Jornais como *Synopsis Ecclesiastica* (1848-1849), o primeiro voltado especificamente à Igreja Católica na Província do Grão-Pará, *A Estrella do Norte* (1860-1866), dirigido pelo Bispo diocesano Dom Macedo Costa<sup>2</sup>, *O Santo Officio* (1871-1879), devoto à causa maçônica, entre outros, são alguns dos exemplos de folhas que trouxeram suas ideologias mais enfaticamente em suas publicações durante o Oitocentos.

*A Boa Nova* (1871-1883) foi o segundo jornal comandado pelo Bispo do Pará, Antônio de Macedo Costa, e configurou-se como uma folha religiosa, instrumento do projeto romanizador<sup>3</sup> do Bispo para uma reforma da Igreja em Belém, aos moldes da Igreja Católica em Roma, a qual se encontrava sob os preceitos do Papa Pio IX (1792 – 1878). Dom Macedo desejava a construção de mais paróquias nas cidades e interiores da Província, bem como expandir a educação de seminaristas e combater as ideias modernas circulantes naquele período, o chamado secularismo (o diocesano foi claramente contra a defesa de uma educação laica na região, por exemplo, bem como o casamento civil e a liberdade de culto para protestantes).

O periódico foi publicado às quartas-feiras e aos sábados, com quatro (4) páginas dispostas em quatro (4) colunas e seu subtítulo intitulava-se “Tudo o que for verdadeiro, honesto, justo, sancto, amavel”, retirado de Filipenses 4:8. O impresso divulgava notícias acerca da Igreja Católica em Belém e em Roma; temas relacionados à religião; artigos opinativos sobre diferentes assuntos e também publicou anúncios sobre diversos produtos e lojas da região. Diferentemente do jornal anterior da Diocese, *A Boa Nova* não se restringiu aos artigos religiosos, continha um editorial mais “comercial”. Porém, os artigos e notas opinativos estiveram sempre na linha da moralização e da religiosidade católica. O Bispo, com o intuito

---

<sup>2</sup>D. Macedo Costa nasceu no interior da Bahia, Maragogipe, em 1830. Em 1848, entrou no seminário da Bahia, foi lá que teve primeiro contato com D. Romualdo Antônio de Seixas, então arcebispo da Bahia, que no futuro lhe indicaria a D. Pedro II para o bispado do Pará. Em 1852, foi estudar na França, passou por alguns seminários até chegar a São Sulpício em 1854. D. José Afonso de Moraes Torres renunciou ao bispado do Pará em 1859, dessa forma, quando D. Antônio de Macedo Costa chegou ao Pará em 1861. Uma das principais preocupações de Dom Antônio de Macedo Costa, como recomendava a política de reforma da Igreja, era a disciplina do clero local. NEVES, Fernando Arthur de Freitas. *Romualdo, José e Antônio: Bispos na Amazônia do Oitocentos*. Belém: EDUFPA, 2015. p. 15.

<sup>3</sup>Romanização, conceito criado por Theodor Mommsen no século XIX, indica a propagação da cultura romana através da aculturação e assimilação cultural de seus atributos, por parte das populações anexadas durante o período de expansão da República Romana, do Império Romano ou Principado, dentro da perspectiva civilizatória de Roma. Tal processo variou de acordo com as especificidades dos diferentes locais em que ocorreu. WIKIPÉDIA. **Romanização**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Romanização#cite\\_note-2](https://pt.wikipedia.org/wiki/Romanização#cite_note-2)>.

de guiar seu público para os bons costumes, para a moral e a fé cristã, publicava escritos de sua autoria novamente (Em *A Estrela do Norte* seu projeto de leituras religiosas foi intenso)<sup>4</sup> para propalar as ideias ultramontanas e combater os considerados “inimigos da fé e da religião”.

Entre os assuntos combatidos pelo periódico religioso estava o gênero romance, como a grande ameaça às ideias publicadas nas páginas do impresso. Seja em função da facilidade na leitura e acesso entre jovens e mulheres letrados e não letrados, seja pelas narrativas conterem enredos sobre vícios, paixões, adultérios, o romance moderno, na época publicado em diversos jornais, majoritariamente na seção *Folhetim*, era visto como o “grande inimigo da fé”, pela influência que poderia atingir o público leitor ao incutir ideias, pensamentos e reações que a Igreja condenava. Como afirma Márcia Abreu (2003), o romance consistia de um gênero

[...] sem preocupações com questões formais que pudessem precisar diferenças internas aos gêneros, o que definia essa produção era seu caráter fictício, ou seja, “fingido, fabuloso”, definição não isenta de um toque pejorativo, pelo recurso a termos relativos à mentira e ao fingimento, atitudes vistas com maus olhos em terras católicas e familiarizadas com a inquisição [...] (ABREU, 2003, p. 266).

A imaginação, o fingimento e o fácil acesso às tramas “imorais” eram poderosas ameaças aos fiéis católicos. Assim, artigos e notas estiveram presentes n’*A Boa Nova* a fim de instruir seu público leitor, seja ele cristão ou não, já que o periódico desejava circular entre os diferentes lares familiares. Entre esses artigos, um deles chama a atenção pela extensão destinada no espaço do jornal, *Leituras em famílias: antes da oração da noite* é uma sequência de artigos opinativos acerca das práticas de leituras realizadas em família, traduzida do francês e assinada pelo autor R. P. Huguet, o qual não possui informações biográficas para além de sua assinatura no jornal, mas que, possivelmente seja Jean Joseph Huguet (1812 – 1884), missionário em Toulouse – França, diretor da Ordem Terceira Marista, que manteve uma vida literária extensa, sendo atribuído a editor de François Fénelon (1651 – 1715)<sup>5</sup>, assim como autor de vários livros com temática espiritual<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Pesquisa desenvolvida no plano de trabalho *Estrela do Norte e Santo Offício: folhas noticiosas para famílias* (2014-2015), orientado pela profa. Dra. Germana Sales (UFPA), financiado pelo CNPq, com publicação do artigo *O romance sob o olhar da moral e dos bons costumes*, no XIV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) em 2015.

<sup>5</sup> Lista de obras atribuídas ao autor, incluindo tradução de François Fénelon: <https://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/book/lookupname?key=Huguet%2c%20R%2e%20P%2e%20%28Jean%2dJoseph%29%2c%201812%2d>. Acesso em 15 maio 2024.

<sup>6</sup> Tais informações foram recolhidas a partir de pesquisas virtuais em que o sobrenome do autor vinculava-se ao primeiro nome assinado no jornal, porém, sem as iniciais ‘R. P.’ presentes, não é possível confirmar que se trata da mesma pessoa. Fonte: <https://www.peuterey-editions.com/jean-joseph-huguet.html>. Acesso em: 15 maio 2024.

Ao tratar sobre as boas e más leituras, o autor recomenda obras e autores, mas principalmente adverte sobre as consequências que as “leituras ímpias” poderiam acarretar às moças e mães de famílias que as lessem, especificamente.

### ***Leituras em famílias: um guia para a conduta cristã***

Inspirada pelo hábito de famílias cristãs em reunirem-se ao final do dia para realizar leituras ou orações antes de dormir, a sequência de artigos intitulada *Leituras em Famílias* inicia sua publicação no jornal *A Boa Nova* em 1879, na edição nº 09:

Existe em alguns povos, principalmente no norte da Europa, um costume que contribui consideravelmente para animar o sentimento religioso, e conservar o espírito de família; é reunir junto de si, depois do trabalho do dia, filhos e criados, e, sem aparato, sem falsa solenidade, dar-lhes aviso e conselhos, pronunciando o nome de Deus. É simples e tocante este uso em uma família bem unida. Vivemos fora de casa tão distraídos e ocupados, que devemos desejar conservar alguma seriedade do lar doméstico. Infeliz o pai que perdeu o direito de falar com dignidade em Deus no meio de seus filhos! (A BOA NOVA, 1879).

Traduzida do francês e assinada por R. P. Huguet, os artigos discutem as leituras edificantes realizadas pelas famílias, o que deveria ser lido e, principalmente, o que não deveria estar presente na prática leitora da sociedade.

Na introdução da sequência, publicada em 29 de janeiro de 1879, edição nº 09, o autor define quais leituras devem ser lidas pelas famílias ao final do dia:

Confessamos por isso que muitas vezes ficamos embaraçado, quando nos perguntaram que livro poder-se-ia ler em família, na hora em que todos os seus membros acham-se reunidos para orar. N’esta hora reservada ao descanso e a conversação amáveis, convém uma leitura ao mesmo tempo curta e interessante, ligeira e edificante, própria para formar o gosto, comover o coração e ornar a memória por meio de máximas sólidas e de trechos bem escolhidos (A BOA NOVA, 1879).

As leituras recomendadas são as chamadas virtuosas, instrutivas e, nesse caso, destinadas ao pensamento e comportamento cristãos. Além disso, deveriam ser “ligeiras e edificantes”, “própria para formar o gosto”. Há, aqui, a ênfase não somente para o conteúdo, mas igualmente para o estilo das “boas leituras”. Outro aspecto relevante é o de “comover o coração e ornar a memória por meio de máximas sólidas e de trechos bem colhidos”, o que revela que as leituras feitas em reunião das famílias não seriam integrais, possivelmente

descontextualizadas, mas que deveriam, naquele momento, “comover” o seu público, a fim de influenciá-lo em uma conduta virtuosa, propagada pela Igreja.

Logo em seguida, ao apresentar o propósito do artigo, o autor atenta ao seu dever em retratar sobre as más leituras:

Para dar variedade a estas páginas, e tornar esta leitura mais atrativa, não nos contentamos em citar os bons autores; invocamos muitas vezes também, em prol da nossa fé e da moral evangélica, escritores que não tem a ventura de praticá-la.

[...]

Infelizmente porém há quase sempre n'eles algum defeito e grande defeito a censurar. O bom livro não tem simplicidade, ou é demasiadamente simples; falta-lhe interesse, ou cai no drama ou no melodrama; falta-lhe estilo, é baixo e empático, e assim mesmo raras vezes correto (A BOA NOVA, 1879).

Nota-se que para tornar a leitura mais atraente é preciso tratar das obras imorais e condenadas, evidenciando que elas atraem o público, até mais do que as leituras virtuosas. Novamente, o estilo é evidenciado como errôneo, pois os “bons livros”, algumas vezes, ou “não tem simplicidade, ou são “demasiadamente simples”, provocando o desinteresse de leitores, assim como “ou [caem] no drama ou no melodrama, falta-lhe estilo, é baixo e empático”. Como reverter a falta de interesse por esses bons livros? Como atrair o público para as obras edificantes? Tais perguntas são respondidas nos trechos em sequência que seguem na publicação, evidenciando a leitura de hagiografias e da Bíblia Sagrada, porém, a atenção volta-se constantemente para a condenação ao romance, em relatos e exemplificações dos motivos que tornam o gênero condenável:

Um outro gênero de literatura, que convém dar a conhecer aos pais e aos mestres cristãos, são estas novelas, *estes romances piedosos, espalhados com profusão nas bibliotecas paroquiais, dados em recompensa n'um grande numero de casas de educação, por causa da modicidade do preço. Atacando estas obras, não queremos acusar os autores delas, nem suas intenções que julgo boas más os tristes resultados que produzem, tão frequentes, e tão pouco previstas.*

Eis como se exprime sobre este assunto um escritor muito judicioso. *Estes romances morais, inocentes de mais para o maior numero, compostos para os meninos ou para o povo, são feitos com tão boas intenções, que á porfia exageram a religião e a virtude, e as desfiguram completamente* (A BOA NOVA, 1879, grifo meu).

O romance é acusado por idealizar indivíduos do cotidiano da sociedade, como um vigário generoso que acolhe um menino pobre na rua, um pai “representado muito acima da humanidade” ou meninos perfeitos, “razoáveis e sisudos, que eles [leitores] os consideram

justamente como seres d'uma espécie diferente e não se esforçam por copiá-los". O que o autor condena é a idealização de pessoas e suas virtudes de forma a retratarem indivíduos que erram, pecam e que por meio de grandes cenas redentoras obtêm a salvação da alma e tornam-se virtuosos. Tal estratégia narrativa foi presente em inúmeros romances oitocentistas, como *Pamela ou a virtude recompensada* (1740) de Samuel Richardson, ou *Lucíola* (1862) de José de Alencar.

Para o autor, entretanto, o caminho para a redenção não é tão fácil como tais obras retratam, e seus leitores, ao tentarem atingir esses modelos inalcançáveis, perdem-se na desilusão e, em sua maioria, desistem do caminho "árido e tortuoso" da virtude:

N'estes bons livros, as conversões são tão repentinas, tão completas, tão fáceis, que, em lugar de poderem servir de guia, são desanimadoras para aqueles, cujos esforços produzem lentamente difíceis resultados, e não impedem quedas diárias. As pessoas virtuosas são n'ó também mui completamente, e seu exemplo é mais aterrador do que imitável. Este costume de representá-las sem imperfeições nem fraquezas, corrompe o juízo dos meninos, torna-os primeiro d'uma severidade extrema em suas apreciações, e contribui poderosamente mais tarde para essa desilusão dolorosa, consequência das utopias virtuosas da mocidade (A BOA NOVA, 1879).

Nesse trecho é mencionada a preocupação aos "meninos" de juízo corrompido causado pelas leituras utópicas, há uma forte preocupação à formação moral e ideológica de crianças e jovens, revelada também entre outros artigos opinativos do jornal em que esta sequência foi publicada. Dom Macedo Costa protagonizou um projeto educativo na Amazônia, com ênfase na educação de meninos, mas igualmente na educação de meninas (COSTA; AVELINO FRANÇA, 2015), assim, o *Leituras em Famílias*, de R. P. Huguet se insere em sua proposta de guiar o público, por meio de recomendações e condenações voltadas à prática leitora.

A verdadeira boa leitura, portanto, será aquela que não foge da realidade, que conduz ao caminho de Deus, mas não de forma idealizada:

Para encontrarmos interesse e poesia n'uma obra, não temos necessidade de sair da vida real. Quando ela é cristã, por mais obscura que seja, não deixa de ser bela aos olhos de Deus e dos homens. Quem ler os feitos citados n'este volume convencer-se-á d'esta verdade. Não há um só que saia da estrada comum; que devoção entretanto n'estas dedicações as quais só tem o céu por testemunha, que delícias no quadro d'uma família cristã, em suas dores resignadas, e em suas esperanças imortais! (A BOA NOVA, 1879).

A sequência de artigos traduzida e publicada pelo jornal *A Boa Nova* é destinada para o esclarecimento das famílias em suas leituras diárias, em que nela poderá encontrar suas

referências do que ler ou não ler em comunhão. É preciso valorizar a “verdade” nos escritos, dedicar-se às dores, mas também às “esperanças imortais”. A ilusão condenada pelo autor, e pelo jornal em outros artigos, é perigosa do ponto de vista moral e político, pois “(...) eles [católicos] sabem que a escrita pode ser uma ilusão, mas uma ilusão muito mais temível quando tem por fim suprimir a convicção, e mais, quando coloca seus artifícios a serviço de outras causas” (PAIVA, 1997, p. 58). Logo, se considerarmos o contexto sociopolítico da segunda metade do século XIX, período em que o jornal católico paraense republicou esta tradução (em meio à Questão Religiosa, com a chegada de protestantes na região, influência maçônica na política brasileira), fica claro que a prática leitora poderia ser um instrumento de “conversão de ideias” ameaçadora ao poderio e influência da Igreja Católica.

No contraponto das más leituras, o autor define um bom livro como “muitas vezes um missionário de que serve a Providência para esclarecer os espíritos e comover os corações” (A BOA NOVA, ed. 11, 1879). Um bom livro, para Huguet, não precisa fugir da realidade, nem agradar dobrando-se ao gosto daqueles que escrevem leituras idealizadas, basta tratar das histórias da Igreja ou da vida de santos.

Na edição nº 23, em 19 de março de 1879, o artigo volta-se aos elogios à obra *A Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo*, de Luis Veuillot (1813 – 1883), autor e jornalista francês, figura importante do Ultramontanismo em seu país. Para ilustrar melhor a influência dos bons livros na vida das famílias, principalmente aqueles sobre a vida de santos, na sequência é citado o relato de uma família nova iorquina que realizou a leitura de livros religiosos e devotou-se ao caminho cristão:

[...] Seu marido tendo por acaso encontrado uma vida de S. Francisco Xavier, a leitura d’este excelente livro o excitou a estudar os dogmas da Igreja Católica. No fervor de suas indagações, foi a New York para consultar as obras dos primeiros Padres da Igreja, e voltou plenamente convencido que a Igreja Católica era a única que conservava a doutrina da primitiva Igreja de Jesus Cristo [...] (A BOA NOVA, 1879).

A leitura da vida de São Francisco de Xavier, protetor dos missionários, um dos fundadores da Companhia de Jesus, convence o homem de família a acreditar que a “Igreja Católica era a única que conservava a doutrina da primitiva Igreja de Jesus Cristo”, ou seja, o caráter de unicidade revela que, entre as outras denominações religiosas existentes, a Igreja Católica seria a verdadeira doutrina a ser seguida, confirmada pelos feitos e trajetórias dos santos e ícones católicos.

Na edição nº 27, em 2 de abril de 1879, o artigo exemplifica novamente a influência de boas leituras nos indivíduos, agora no relato testemunhal de uma criada, escrita por um autor não mencionado na passagem:

[...] À noite, durante a vigília, quando meu pai, meu irmão, minhas duas irmãs mais velhas se tinham findo o trabalho do dia, recolhido para casa, nossa mãe nos reunia todos em redor de sua cama, para ler-nos em voz alta as belas histórias que ela tinha lido baixinho durante o dia, e que eram próprias a instruir meu irmãozinho, a divertir minhas irmãs e a consolar meu pai [...] (A BOA NOVA, 1879).

Nesse trecho, é evidente o papel essencial de uma mãe, aos moldes cristãos, responsável pela educação e moralização de toda a família, enfatizo a menção de “belas leituras (...) próprias a instruir”, a “divertir” e a “consolar” diferentes membros da família. Como um pilar para a educação dos filhos e manutenção da família tradicional, a mulher era alvo principal de preocupação dos religiosos refutadores do romance, a elas caberia apenas as leituras virtuosas. Logo após é mencionado que, entre as leituras da Bíblia, surgia a leitura de romances, como a de *Telêmaco* e *Robinson Crusóé*:

[...] outras vezes eram livros em palavras que mostravam as cousas como imagem e quadros diante dos olhos, e que soavam no ouvido como uma música.

<<Estes livros contavam as historias d’um filho chamado Telêmaco, que procurava seu pai de ilha em ilha, e que era sempre embarçado por naufrágios, aventuras, tentações e desgraças que faziam chorar e que entretanto causavam prazer; ou bem ainda a história d’um pobre desgraçado, chamado Robinson, que era lançado pela tempestade em um deserto no meio do mar, só com um cão e um pássaro, e que achava em seu espírito e na graça de Deus, os meios de edificar uma casa para si, de fazer um jardim, de afeiçoar-se rebanhos domesticados, e de bem dizer a Providência em sua solidão [...] (A BOA NOVA, 1879).

*As aventuras de Telêmaco* foi uma obra escrita no final do século XVII, de autoria do bispo François Salignac de la Mothe Fénelon (1651 – 1715), sucesso editorial de vendas ainda no século XIX, retratava a história do filho de Ulisses que partia em busca de seu pai, inspiração do quarto livro da *Odisseia*, de Homero (DE BRITO, 2009, p. 33). O livro fora escrito para educar o duque de Borgonha, neto de Luís XIV, portanto, em seu surgimento evidencia-se seu caráter educativo para meninos, e, no relato da criada acima, no de meninas também. A obra no século XIX passou a fazer parte de programas escolares e é um dos textos considerados como marco da prosa moderna (DE BRITO, 2009, p. 37). Respeitando os valores defendidos pelo jornal *A Boa Nova*, os mesmos defendidos por R. P. Huguet, *As Aventuras de Telêmaco* não seria uma ameaça às famílias, assim como *A vida e as aventuras de Robinson Crusóé*, de Daniel



Defoe, publicado entre 1719 e 1721, o qual também obteve grande sucesso editorial no século XIX. Um dos títulos considerados inauguradores do romance moderno, *Robinson Crusóé* “é visto como obra que traz estreitas ligações com as Luzes, o capitalismo, a ascensão da burguesia e o colonialismo, não sendo alheio também ao fortalecimento do poder monárquico” (VILLALTA, 2005, p. 2). Mesmo de caráter fabuloso, as leituras de *Telêmaco* e *Robinson Crusóé* não são condenadas pelo artigo de R. P. Huguet, pois ressoam o que o autor revela como bom princípio em livros, as “dores que revelam esperanças infinitas”, já que Crusóé, por exemplo, “achava em seu espírito e na graça de Deus, os meios de edificar uma casa para si”. Os valores cristãos estão resguardados por tais obras, portanto, não configuram como “más leituras” às famílias.

Porém, o que agradava e edificava a vida da pequena leitora eram as leituras da *Imitação de Cristo*, quando todas as tarefas eram finalizadas, as passagens mais “sérias e mais santas” eram lidas pela sua mãe durante o dia, e, por meio dessas páginas, eram ensinadas a leitura e a oração. A obra em questão, publicada no século XVI, é de autoria de Tomás de Kempis (1380 – 1471), ou Thomas von Kempen, monge católico da Ordem de Sto. Agostinho, na Alemanha. O autor escreveu, de acordo com sua biografia, quarenta obras representantes da literatura devocional moderna (movimento espiritual que concebe e encarna a vida partindo das doutrinas de Santo Agostinho), mas seu livro de maior destaque foi *Imitação de Cristo*, em quatro volumes, o qual adota uma “perspectiva moralista e pede aos seguidores meditação metódica, interioridade e ascetismo” (CANAVARRO, 1991, p. 59), circulando em novas edições até a contemporaneidade, incluindo tradução para o português brasileiro.

Logo, é enfatizado novamente a importância das leituras cristãs que tratam ou da vida de santos ou de ensinamentos católicos para as famílias e, essencialmente, para os jovens, os quais deverão crescer e aprender as boas condutas por meio de sua prática leitora.

Esse, no entanto, foi o último relato na sequência de *Leituras em famílias* com a recomendação e o exemplo de boas obras. Nas quatro edições seguintes surgem os fragmentos *Dos Máos Livros* e *Dos Romances*, que dissertam acerca das condenações realizadas nas práticas de leituras da época.

Ainda na edição nº 27, o tópico *Dos Máos Livros* inicia e a introdução que o segue é a comparação entre o fruto proibido na história bíblica de Eva e Adão e o “romance folhetim”, este sendo o grande inimigo das casas de famílias:

Se o romance folhetim penetrar em vossa família, tudo isto desaparece. Infeliz que sois! O inimigo está em vossa casa, onde penetrou com seu séquito de ilusões falazes, de ideias falsas, de lascivas e perigosas emoções, de sonhos

corruptores, de imagem incendiarias! Eva, porque, ai! Eva é imortal, Eva sente, sem querê-lo, palpitar-lhe com violência o coração, não procura mais a sociedade de Adão, e sente necessidade de estar só (A BOA NOVA, 1879).

Utilizando a analogia à figura feminina bíblica para se referir ao leitor, o romance-folhetim seria então a maçã que expulsa os humanos do paraíso moral e cristão de que os bons livros concebem às famílias. O “inimigo” é perigoso pela provocação às “ideias falsas”, de “lascivas e perigosas emoções”, além de “sonhos corruptores” e de “imagens incendiárias”. As consequências dessas leituras não se restringem apenas ao campo ideológico, mas também ao físico, pois, assim como Huguet, médicos e figuras religiosas expuseram as preocupações dos efeitos no corpo e na mente de leitores do romance, como o estudado por Márcia Abreu (2001) a respeito do livro *A Saúde dos Homens de Letras* (1768), obra de autoria do médico suíço Tissot, “[...] em que apresentava os perigos que a leitura oferecia para a saúde. Ele explicava que o esforço continuado de inteligência de um texto prejudicaria os olhos, o cérebro, os nervos e o estômago” (ABREU, 2001, s/p.).

Mais adiante no artigo, o autor ainda afirma que Eva não procura mais a presença de Adão por não estar mais só. O “inimigo” já está com ela, ao ter experimentado o “fruto proibido”, aqui em uma clara comparação ao gênero romance, incutindo, assim, novas ideias na figura feminina, pois é assim que “insinua-se o espírito do mal, como uma serpente oculta sob a flores, no santuário da família, para excitar os moços e as donzelas a comerem dos frutos da árvore da ciência do mal, que faz brilhar a seus olhos” (A BOA NOVA, 1879). Ao final do escrito, a mulher é citada como a vítima dos maus livros:

[...] Em lugar de conter e de moderar as paixões, lisonjeia n’as, excitam-nas, desenvolve-as; fornece boas razões para as más ações; pouco a pouco mina e abala o senso moral no coração da mulher, perverte sua razão, perturba as suas ideias, e a lança em uma espécie de febre e de delírio [...] (A BOA NOVA, 1879).

Ao mesmo tempo que é perigoso, o fruto também é desejado, já que “faz brilhar a seus olhos” quando moços e donzelas avistam ou comem dos “frutos da árvore da ciência do mal”. No relato das provocações que o “romance folhetim” poderia ocasionar em seu público, a escrita de R. P. Huguet, no entanto, é estimulante pelas comparações que faz e pelo teor instigante na escolha de palavras afervoradas.

Sob uma grande responsabilidade está a figura da mulher, como mencionado anteriormente, figura essencial na educação moral de sua família, ela é o centro da atenção

quando se inicia a condenação da leitura de romances. Márcia Abreu (2003) menciona como esta prática era considerada ainda mais perigosa se realizada por mulheres:

Imaginava-se que esse tipo de leitura seria ainda mais perigoso quando realizado por mulheres, ordinariamente governadas pela imaginação, inclinadas ao prazer, e sem ocupações sólidas que as afastassem das desordens do coração. A leitura de romances serviria apenas para aumentar o império dos sentimentos e da imaginação sobre seu espírito (ABREU, 2003, p. 279).

Governadas pela imaginação e sentimentos torpes, as mulheres leitoras de romances seriam desvirtuadas para as funções de “boa filha”, “boa esposa” e “boa mãe”, “virtuosas e recatadas”, papéis sociais destinados pela sociedade cristã e conservadora. Exemplos de leitoras desvirtuadas pelo romance foram retratadas na Literatura, como Emma Bovary (*Madame Bovary*, Gustave Flaubert) e Maria do Carmo (*A Normalista*, Adolfo Caminha), entre outras. Na sequência do tópico *Dos Máos Livros*, em 5 de abril de 1879, edição nº 28, a história de Angelina é citada como exemplo do que a leitura de romances poderia ocasionar a moças puras e antes de sua leitura, honradas:

Há alguns dias apenas ocupavam-se os tribunais de vários negócios escandalosos. A literatura do dia achava-se muito envolvida nesses processos, no ultimo sobretudo, o mais abominável de todos. Tratava-se d’uma moça de dezesseis anos, desonrada em casa de sua mãe [...] (A BOA NOVA, 1879).

Criada por sua mãe, divorciada, Angelina foi acusada de realizar “conversas indecentes” com certos cavalheiros e de “lhes provocar com seus olhares”; a culpa de tal desvirtuamento recai quase por completo na mãe, que não praticava religião, deixava sua filha “solta entre as lojas de artistas” e “livre a ler romances perigosos”, como o de Madame George Sand (1804-1876):

<<Angelina, vós o sabeis, lia os romances de Madame George Sand, lia outros romances publicados pelo jornal que recebia sua mãe; deleitava-se na leitura d’um livro particularmente imoral: as confissões de Marion Dolorme. A história d’uma cortesã tinha para a infeliz moça um atrativo particular. Podia Ela por ventura n’esta leitura aprender a dominar as suas paixões, a lutar, a combater contra essas excitações perigosas da mocidade e dos sentidos? N’ela aprendia que o casamento é cousa insensata, instituição social que já se ousou chamar a prostituição jurada?>> (A BOA NOVA, 1879).

Os romances de Madame Sand são mencionados como o grande malfeitor no destino de Angelina Lemvine pela leitura ser a causadora dos seus atos impudicos. Ao final do exemplo de má conduta causado por um romance, o redator lamenta a volta do gênero às estantes dos livreiros, pois o seu mérito literário “inepto e corruptor” deveria ter causado seu banimento.

Amantine-Aurore-Lucile Dupin, o nome verdadeiro de George Sand, fora o pseudônimo masculino utilizado pela autora para publicar seus livros, tornando-se uma das autoras mais populares da sociedade francesa do Oitocentos, que também obteve grande circulação no Brasil. Tal fato certamente incomodava tanto o escritor francês quanto os editores do jornal *A Boa Nova*, já que a autora advogava pela defesa sobre os direitos da mulher em seus livros, e sua obra já era veiculada no Brasil desde 1841 (COSTA, 2015).

Já sobre o outro nome mencionado no trecho, Marion Delorme (1613 – 1650) foi uma reconhecida cortesã francesa e foi título de uma peça teatral escrita por Victor Hugo (1802 – 1885), em 1828. A leitura sobre a trajetória de uma cortesã já poderia ser considerada, por si só, um atentado à moral. A preocupação se estende para o que uma mulher deveria aprender, principalmente sobre o controle de paixões e excitações da mocidade, pois o controle de leituras nas mulheres é também um controle de seus sonhos e fantasias (MORAIS, 1998, p. 3).

Acusado de estar presente até a “última camada do povo” por meio dos folhetins e das revistas, o romance é comparado ao joio que “abafará o bom grão do trigo”, para ali deixar apenas os “germens de egoísmo e corrupção”, de acordo com Huguet. Novamente é enfatizado que a semente do desvirtuamento na sociedade seria a leitura do romance.

Em 7 de maio de 1879, edição nº 36, o último tópico do artigo *Leituras em Famílias: antes da oração da noite* é publicado. Intitulado *Dos Romances*, o tópico aborda a má conduta de escritores em produzir obras com histórias fantasiosas, que fogem da realidade, não constituindo autores com papel de mestres e guias, e sim como “aduladores complacentes do povo”. Tal informação permite inferir que o livro escrito para deleitar e entreter o público leitor é condenado em face da obra instrutiva:

[...] Atraídos pelo engodo do ganho, pelo desejo d’uma vã popularidade, ou por algum motivo ainda menos digno de estima talvez, especulam com as paixões de seus leitores; e, para dobrarem-se a seus gostos, transportando-os em seus escritos fora do domínio da realidade, lançam-nos em um mundo imaginário e fictício, onde tudo é falso e inverossímil, as personagens, as posições, os sentimentos e as ideias [...] (A BOA NOVA, 1879).

O perigo nessas leituras é o de “desgostar da realidade, acostumar o espírito, o coração e a imaginação aos sentimentos falsos ou exagerados”, tornando o homem infortunado; o romance encheria o coração de desejos inalcançáveis e sentimentos de inveja, queixas, ilusões, tirando a ingenuidade e sobriedade acerca da vida. E caso o romance trouxesse em suas histórias o outro lado da realidade, como vícios e cenas consideradas imorais, de miséria e torpeza

humana, ele também seria condenável, pela indução aos indivíduos que os leem em praticar as mesmas ações ímpias:

Se, pelo contrário, o romance toma a realidade do lado de suas baixezas, de suas misérias e de suas torpezas: compraz-se em escolher na vida, no homem, na sociedade, tudo o que nol-os pode mostrar debaixo d'um ponto de vista medonho ou odioso, debaixo d'um aspecto disforme ou repugnante, desanima-nos, deixa-nos um fundo imenso de abatimento e de tristeza, tira-nos o desejo de combater pelo bem n'um mundo onde tudo é mal, e com tanto que espalhe sobre este mal esse prestígio de que o talento nunca é avaro, acaba por apaixonar-nos por esses vícios, por essas monstruosidades humanas ou sociais que são tratadas como vencedoras, e ás quais entrega em pasto todas as crenças e todas as virtudes. [...] (A BOA NOVA, 1879).

Qual seria a leitura correta já que o romance se constitui como um gênero errôneo e imoral em todas as faces presentes naquela época? A religião é a resposta dada pelo autor, pois, “só ela pode reconciliar entre si o coração do homem; só ela pode fortalecer-nos no caminho das imolações e dos sacrifícios, prometendo-nos como recompensa”. E teria ela espaço nas novas produções literárias em voga, como o romance? Para o autor, mesmo aqueles que respeitam a religião em suas tramas e se utilizam dela para expor alguma narrativa com final moralizante, por meio da virtude recompensada, a religião não teria espaço nessas obras:

[...] Mesmo honrando a religião, inclinando-se perante sua autoridade soberana, proclamando sua onipotência para curar todas as chagas, para estancar todas as sedes e para encher todos os abismos, parece que o romance não guarda para com ela o respeito devido, por isso que d'ela se serve como d'um meio e d'uma mola [...] (A BOA NOVA, 1879).

A palavra final, antes de um último testemunho sobre as consequências da leitura de um romance, advém do autor Luis Veuillot<sup>7</sup>, utilizada para reafirmar o posicionamento de R. P. Huguet para com o novo gênero:

Acreditamos que os livros são mais perigosos do que os discursos, assim como um mau princípio é mais funesto do que uma má ação. Com efeito, não se está sempre na escola do mundo; um mau livro acha-se continuamente à nossa disposição; muitas vezes o autor é menos comedido em suas palavras do que o somos no mundo. Longe de ser nos úteis em literatura, se eles corrompem o coração, só nos dão um espírito romanesco, enchem-nos de ideias quiméricas, fazem-nos encarar o mundo debaixo das mais falsas cores, e acabam por arrastar-nos ao abismo. Entre muitos exemplos, cita-se o d'uma moça que atirou-se ao Sena, há pouco tempo. Os socorros para salvá-la foram inúteis;

---

<sup>7</sup> Louis Veuillot (1813 – 1883) foi escritor e um dos líderes do Ultramontanismo na França. Foi também jornalista e editor. Veuillot foi contra as ideias liberais e manteve oposição às ideias iluministas e revolucionárias advindas da Revolução Francesa. Foi de grande influência na igreja francesa. Fonte: BRITANNICA, Encyclopædia. Louis Veuillot. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Louis-Veuillot>. Acesso em 12 fev. 2024.

achou-se n'ela o ultimo volume d'um romance muito conhecido, e examinando-o atentamente, descobriu-se, e em uma das folhas, estas palavras, escritos pela mão desta infeliz: <<Eu fui atraçoada como ela, devo como ela morrer>> [...] (A BOA NOVA, 1879).

Mais perigosos que os discursos, pois está sempre à disposição do público, já que possui materialidade em livro ou em edições de jornal, o romance “corrompe o coração” ao estimular “ideias quiméricas”. O controle da imaginação revela um controle da ficção também (LIMA, 2009), evidenciando o questionamento sobre o potencial da ficção literária, em que medida este potencial atenta contra a ordem e os dogmas católicos, por exemplo, defendidos por uma Igreja Católica em plena queda de poderio e influência civil durante o século XIX.

### **Considerações finais**

O periódico *A Boa Nova*, enquanto porta-voz da Igreja Católica da Província do Grão-Pará, durante os anos de 1871 a 1883, demonstrou-se preocupada em instruir e guiar seu público leitor para os caminhos virtuosos da fé cristã. Entre os assuntos discutidos nos artigos opinativos publicados nesse jornal estão as práticas de leituras da época, especificamente, a leitura de romances. Ao publicar a sequência de artigos *Leituras em Famílias: antes da oração da noite*, o jornal expôs e afirmou sua opinião quanto às leituras consideradas ímpias, imorais e proibidas. Na discussão a que os tópicos se voltaram, a leitura de livros moralizantes ou hagiográficos é a considerada correta, sendo recomendada e exaltada pelo autor R. P. Huguet e reforçada pelo jornal. O romance, leitura popular da época, é condenado em dois vieses: por idealizar personagens e suas trajetórias, no alcance de um final glorioso e virtuoso na narrativa; e ao expor uma realidade cruel e bruta da face humana, carregada de vícios, mortes, paixões desenfreadas, adultérios, entre outros assuntos considerados polêmicos e condenados pela Igreja. A figura da mulher é um dos alvos principais de preocupação nos posicionamentos de Huguet. Elemento essencial para a formação e conduta moral das famílias, a leitora de romances é ameaçadora à ordem prevista na perspectiva católica. Porém, não só por iludir o seu leitor ou expor pecados e cenas imorais a prosa ficcional oitocentista é condenada, mas também, e talvez principalmente, por influenciar a conduta e os pensamentos do público que a lia, conduzindo-os a questionarem as ordens políticas e religiosas vigentes na época, nesse caso, a Igreja e seus sacerdotes.

## Referências

ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos Livros*. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003.

ABREU, M. *Diferentes formas de ler* (2001). Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BRITANNICA, Encyclopædia. *Louis Veillot*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Louis-Veuillot>. Acesso em 12 fev. 2024.

CANAVARRO, A. A. R. (1991). O discernimento espiritual na «Imitação de Cristo». *Humanística E Teologia*, 12(1), pp. 55-90. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.1991.3664>. Acesso em: 20 fev. 2024.

COSTA, Benedito Gonçalves; AVELINO FRANÇA, Maria do P. Socorro G. S. O projeto educativo do Bispo Dom Antonio de Macedo Costa para civilizar a Amazônia Paraense na segunda metade do século XIX. *Revista Cocar*, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 69–84, 2015.

COSTA, Patrícia Rodrigues. George Sand no Brasil. *Belas Infieis*, Brasília, Brasil, v. 4, n. 1, p. 257–288, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/11329>. Acesso em: 15 maio. 2024.

DE BRITO, Tarsilla Couto. As aventuras de Telêmaco: história crítica e releituras. *Revista Criação & Crítica*, n. 3, pp. 33-45, 2009.

LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário & A afirmação do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezy (org.). *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, p. 111-153, 2008.

MARTINS, Karla Luiza. Civilização católica: D. Macedo Costa e o desenvolvimento da Amazônia na segunda metade do século XIX. *Revista História Regional 7 - UNIFAP*, 2002.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. A leitura de romances no século XIX. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 19, n. 45, p. 71-85, julho 1998.

NEVES, Fernando Artur de Freitas. *Romualdo, José e Antônio: bispos na Amazônia do oitocentos*. Belém: Editora da UFPA, 2015.

PAIVA, Aparecida. *A voz do veto: a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

PEUTEREY, Editions Blanche de. *Jean-Joseph Huguet*. Disponível em: <https://www.peuterey-editions.com/jean-joseph-huguet.html>. Acesso em: 15 maio 2024.

PINHEIRO, Márcia do Socorro da Silva. *Fabiola: A subversão, a moralização e a virtude recompensada*. 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

VILLALTA, Luiz Carlos. Robinson Crusoe, de Daniel Defoe: da sua circulação no mundo luso-brasileiro ao seu diálogo com o devir histórico. *Texto apresentado no I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*, realizado de 8 a 11 de novembro de 2004, v. 8. Casa Rui Barbosa (RJ): 2005.

### **Fontes primárias**

*A Boa Nova* (1871 – 1883).

**Recebido em:** 12/02/2024.

**Aceito em:** 31/05/2024.